



Em clínica particular, cada sessão custa R\$ 200 e são necessárias 12 ou 13 por mês. Já o SUS paga R\$ 80 por cada filtragem

Entorno se assusta com restrição da hemodiálise

■ Proibição de tratamento para 'forasteiros' economizará R\$ 190 mil por mês

MILENA GALDINO

Moradores do entorno que dependem dos hospitais públicos do DF para filtrar o sangue estão desesperados. Alguns chegam a imaginar que a morte estará mais próxima a partir da próxima semana quando, segundo o secretário de Saúde, Jofran Frejat, estarão proibidos de fazer hemodiálise nos hospitais públicos do DF.

Para Frejat, o veto aos forasteiros - apresentado na segunda-feira - aliviará em R\$ 190 mil o déficit causado pelo custo mensal do tratamento (R\$ 1.459 por paciente, ou R\$ 1,2 milhões mensais).

Dos 820 cadastrados nos

centros de terapia renal substitutiva, pelo menos 130 são do entorno. "E ainda achamos que outros 20% moram fora do DF, apesar de fornecerem endereços daqui na hora de preencherem as fichas", suspeita Marcelo Almeida, coordenador de nefrologia da Fundação Hospitalar e chefe de nefrologia do Hospital de Base.

O repasse anual do Sistema Único de Saúde (SUS) ao DF é de R\$ 7,7 milhões. "Porque somos modelo em hemodiálise, recebemos muita gente de outros estados e estamos gastando R\$ 14 milhões, quase o dobro", calcula Marcelo Almeida. "E o dinheiro usado para cobrir esse rombo é tirado da assistência

básica, ou seja, é justo deixar uma criança morrer de diarréia, doença que pode ser curada com menos, para pagar as sessões?", questiona Marcelo. "O certo é que ambas as despesas devem ser feitas", emenda.

Para o nefrologista, a portaria que proíbe o tratamento de pessoas que não vivem no DF é apenas uma forma de fazer pressão. "Na verdade nós queremos que a hemodiálise volte a ser considerada, pelo Ministério da Saúde, como tratamento de alta complexidade", revela.

A classificação faz diferença na hora de os estados e municípios receberem o repasse do Ministério da Saúde. Exceção no caso de tratamentos de

alta complexidade, calcula-se o valor do repasse pelo número de habitantes das cidades.

Se fosse enquadrado como tratamento complexo, o DF receberia por doentes, e não por número de habitantes. "E a realidade é que muitos municípios têm as máquinas, mas o tratamento é tão picareta que os pacientes correm para Brasília, ou seja, eles ficam com o dinheiro, e nós com o débito", denuncia, usando números: "A proporção de doentes renais, na população brasileira é de um paciente em cada mil habitantes, mas no DF são 2,5 por mil e a demanda aumenta em 10% a cada ano", sustenta Marcelo.

Tratamento é caríssimo

Para o administrador de clínicas de hemodiálise André Luis Fernandes, a forma de Frejat fazer pressão não poderia ser pior. "De repente estão esperando alguém morrer para começarem a tratar esse assunto com mais seriedade", opina. "Só que com a vida não se brinca", adverte.

Se alguém resolvesse pagar por hemodiálise do próprio bolso, cada sessão custaria

aproximadamente R\$ 200 em clínicas particulares. Como são necessárias cerca de 13 por mês, o tratamento - ainda o mais barato dos métodos de substituição renal - sairia por cerca de R\$ 2,6 mil mensais.

Comprar a máquina, nem pensar. O valor do equipamento mercado chega a R\$ 30 mil, sem os acessórios básicos, como sistema de água (R\$ 50 mil).

Do SUS, os hospitais convencionados cobram R\$ 93 por sessão - desconto explicado pelo alto número de pacientes atendidos. "Mesmo assim o tratamento sai 80% mais em conta do que quando feito em hospitais públicos, por causa da manutenção", explica Marcelo Almeida.

Deixar de fazer hemodiálise é suicídio. "Se a pessoa não tem nenhum dos rins, começa a

enfrentar problemas após 72 horas fora da máquina, mas quem tem um restinho de rim funcionando suporta um pouco mais, mas não muitos dias", compara, ressaltando que o tratamento vale apenas para quem tem menos de 10% do órgão funcionando. "E graças a este tipo de tratamento, os doentes renais conseguem viver mais de dez ou quinze anos", lembra o médico. (M.G.)

Promotor: ato fere a Constituição

Segundo o Promotor de Justiça do DF, Carlos Alberto Cantarruti, as reações causadas pela portaria do secretário de saúde não passam de um mal-entendido. "Nós realmente encaminhamos ao secretário Jofran Frejat uma recomendação (de retirar a portaria) que deve ser respondida até sexta-feira", explica o promotor, destacando

que o ato fere a Constituição, já que priva brasileiros do direito à saúde. "Mas, segundo o próprio secretário de Saúde, nenhum doente terá seu tratamento prejudicado ou interrompido", ameniza.

Carlos Alberto remete o impasse ao Ministério da Saúde, que repassa aos estados as verbas do SUS. "Já que há mais de dois

estados envolvidos, as verbas devem ser direcionadas para o estado onde o tratamento está sendo feito, e não para onde mora o paciente", explica Cantarruti.

Segundo o governador de Goiás, Marcone Perillo, está sendo construído um centro de hemodiálise em Formosa, para retirar de Brasília os pacientes em tratamento de substituição renal

do entorno goiano. O local terá capacidade para atender até 100 pessoas por dia, vindas das cidades do entorno mais próximas.

O governo de Goiás diz entender os motivos da Secretaria de Saúde de Brasília. Sabe dos problemas como a superlotação e a falta de recursos, mas considera a solução "uma falta de humanidade". (C.G.)